

Boatos virtuais e o impeachment de Dilma Rousseff¹

Área temática: Opinião pública e comunicação política

Victor Rabello Piaia – IESP.UERJ

piaia.victor@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de analisar o processo de impeachment da presidenta do Brasil Dilma Rousseff, em 2016, a partir da circulação de falsos rumores políticos em redes sociais. A investigação compreende duas linhas principais: i) pensar como falsos rumores serviram para dar sustentação popular ao impeachment e desconstruir da imagem da presidenta e seu partido e ii) refletir sobre como as novas tecnologias da comunicação estão sendo apropriadas nas comunicações políticas cotidianas e na ação estratégica de coletividades políticas organizadas. A dinâmica de boatos é analisada a partir de duas perspectivas: i) por meio de sites de criação e que desmentem falsos rumores; ii) pelo mapeamento dos compartilhamentos desses rumores no *Facebook*. A primeira abordagem abarca a parte da produção de rumores políticos. Nesse sentido, mapeia sites de criação de notícias falsas no contexto do processo de impeachment, coletando e organizando os principais rumores que circularam pela internet. Já a segunda abordagem enfoca a esfera da circulação de rumores e notícias falsas, analisando o seu alcance e principais disseminadores.

¹ “Trabalho preparado para sua apresentação no 9º Congresso Latinoamericano de Ciência Política, organizado pela Associação Latino-americana de Ciência Política (ALACIP). Montevideo, 26 ao 28 de julho de 2017.”

Introdução

Esse artigo é uma primeira inserção em pensar a influência dos rumores e notícias falsas que circulam na internet para a consolidação do impeachment de Dilma Rousseff. Não é um estudo que busca redefinir o peso causal do sucesso do processo do impeachment, mas iluminar uma camada de comunicação política que aparentemente tem se intensificado e que, segundo argumento, parece ter sido importante para a insuflar a opinião pública contra a presidenta e seu partido, garantindo um ambiente social em que a ruptura institucional se tornava uma solução e não um problema.

O processo de impeachment é somente um objeto de uma agenda de pesquisas mais ampla que inclui uma reflexão mais geral sobre o impacto das novas tecnologias da comunicação e da ampliação do fluxo interativo entre ‘comuns’ em dinâmicas e transformações políticas no curto, médio e longo prazo.

Nesse trabalho, analisarei a conformação da rede de rumores e farei inserções sobre a esfera da produção e identificação de algumas características da dinâmica de circulação. Não entrarei na esfera da apropriação dos rumores pelos indivíduos, nesse sentido, não será possível verificar mais detidamente a parte dos efeitos políticos gerados pelos rumores. No entanto, acredito que esse mapeamento inicial já pode iluminar uma camada de comunicação política que tem crescido e ainda carece de uma atenção mais cuidadosa por parte das ciências sociais.

Para isso, o artigo se organizará em quatro seções, além dessa introdução e das considerações finais. Na primeira apresentarei o arcabouço geral que embasa essa pesquisa, articulando os processos de i) expansão do fluxo comunicativo gerada pela difusão de novas tecnologias da informação (sobretudo smartphones e redes sociais) e ii) circulação de informações e temas políticos em formatos humorísticos, imagéticos e conspiratórios, fora dos padrões jornalísticos ou da seriedade de textos e notas oficiais de coletividades organizadas (institucionais ou não). O objetivo dessa seção é indicar para a dinamização de um espaço “subterrâneo” de comunicação política em que a) a mediação e curadoria dos temas políticos passa cada vez mais pela interação entre indivíduos distantes da socialização ou envolvimento em coletividades organizadas e em que b) os temas políticos estão amplamente disseminados nas interações, circulando cotidianamente não somente com o objetivo de informar, mas também de entreter.

A segunda seção trabalhará os conceitos de rumores e notícias falsas, introduzindo o estado atual do campo e relacionando-os com o contexto do segundo mandato de presidência de Dilma Rousseff. Já a terceira seção introduzirá uma narrativa sobre o antes e durante do processo de impeachment, relacionando a crônica política, a disputa entre atores e os temas chave que permearam o período com o arcabouço organizado nas duas primeiras seções.

Por fim, na quarta seção, analisarei mais especificamente a questão dos rumores, procurando identificar a dinâmica de produção e circulação de rumores e falsas notícias. Para isso, utilizarei um banco com os principais rumores sobre a presidenta Dilma em que será possível notar um pouco de seu alcance, os principais criadores e principais difusores.

Interações cotidianas, tecnologias da comunicação e política

Desde a redemocratização, a sociologia política tem ocupado um papel fundamental na interpretação dos fenômenos sociais em relação à consolidação e aprimoramento da democracia brasileira. É na década de 1990 que o campo estrutura suas contribuições mais amplas e importantes sobre os problemas e as tendências de desenvolvimento social dentro da democracia ainda em reconstrução. Os direcionamentos feitos por estas abordagens foram incorporados pela disciplina até hoje, servindo de base para boa parte dos trabalhos de sociologia política nos últimos anos, inclinando o campo para determinados tipos de objetos, abordagens e horizontes normativos específicos, em detrimento de outras possibilidades analíticas.

Em minha dissertação de mestrado (PIAIA, 2016), realizei um levantamento da produção em sociologia política no Brasil redemocratizado identificando a) a centralidade da categoria *participação* e b) o uso da ação política intencional de coletividades organizadas e institucionais como proxy para o entendimento das transformações políticas que o país enfrentava. Ainda que essas abordagens tenham trazido – e ainda tragam – uma série de avanços para a compreensão das dinâmicas políticas do Brasil contemporâneo, parece-me importante que voltemos a olhar com mais cuidado para os efeitos políticos dispersos e não intencionais gerados por interações cotidianas de ‘cidadãos comuns’.

Essa suspeita se baliza em alguns fatores: um analítico e dois processos empíricos. Em primeiro lugar, tem-se muito claro há muito tempo que vivemos em uma grande

redefinição de coletividades e organizações sociais, bem como um crescente distanciamento entre as instituições políticas tradicionais e a sociedade. Em relação ao primeiro ponto, nota-se a constante preocupação de cientistas sociais sobre as novas formas e as motivações para o engajamento em coletividades de ação política, como no debate sobre ONG's e sociedade civil na década de 1990 e virada para 2000, bem como sobre as investigações sobre reconfigurações do ativismo contemporâneo em movimentos sociais e coletivos identitários. Já sobre o segundo, destaca-se a centralidade dos debates sobre crise de representação e os desafios da construção de um sistema institucional efetivamente capaz de contemplar as demandas e dinâmicas societárias.

Em artigo publicado em 2015, no entanto, Bringel e Pleyers destacam a centralidade do entendimento dos “movimentos societários”² para a compreensão das mudanças em movimentos sociais. Aplicando a mesma ideia ao prisma institucional, temos que para se entender a lacuna representativa entre sociedade e partidos políticos, mostra-se indispensável o conhecimento das mudanças da sociedade em uma esfera mais ampla, fora dos espaços de organização constituídos. Ou seja, ambas abordagens compreendem a importância do estudo da esfera do cotidiano, buscando um diálogo entre essas coletividades organizadas e a sociedade de um ponto de vista mais amplo.

O uso que fazem da esfera cotidiana, no entanto, é basicamente contextual, sendo pensado sempre em função dos seus objetos de pesquisa. Ou seja, os movimentos societários são importantes na medida em que explicam a dinâmica dos novos movimentos sociais ou das instituições participativas/partidos políticos. O centro da análise continua sendo as coletividades organizadas e na ação política intencional.

É evidente que as coletividades organizadas – tanto em âmbito societário, quanto na esfera institucional – são linhas de frente na luta política, influenciando diretamente a esfera cotidiana em termos de imaginário político, gramáticas de ação e interpretação do mundo e práticas sociais. Contudo, o que se tem observado é a corrida desses campos de estudo para entender o efeito oposto, ou seja, como os elementos societários estão alterando as formas de organização coletiva da sociedade política e da política institucional. Nesse sentido, proponho atacar esses mesmos problemas invertendo a lógica da análise e olhando para as interações cotidianas em suas dinâmicas próprias e

² “Alterações mais abrangentes de elementos estruturais e subjetivos da sociedade como um todo” (Bringel e Pleyers, 2015. P.12). Encaixam-se aqui as transformações da distribuição de renda, acesso à educação, a difusão de novas tecnologias da comunicação, entre outros.

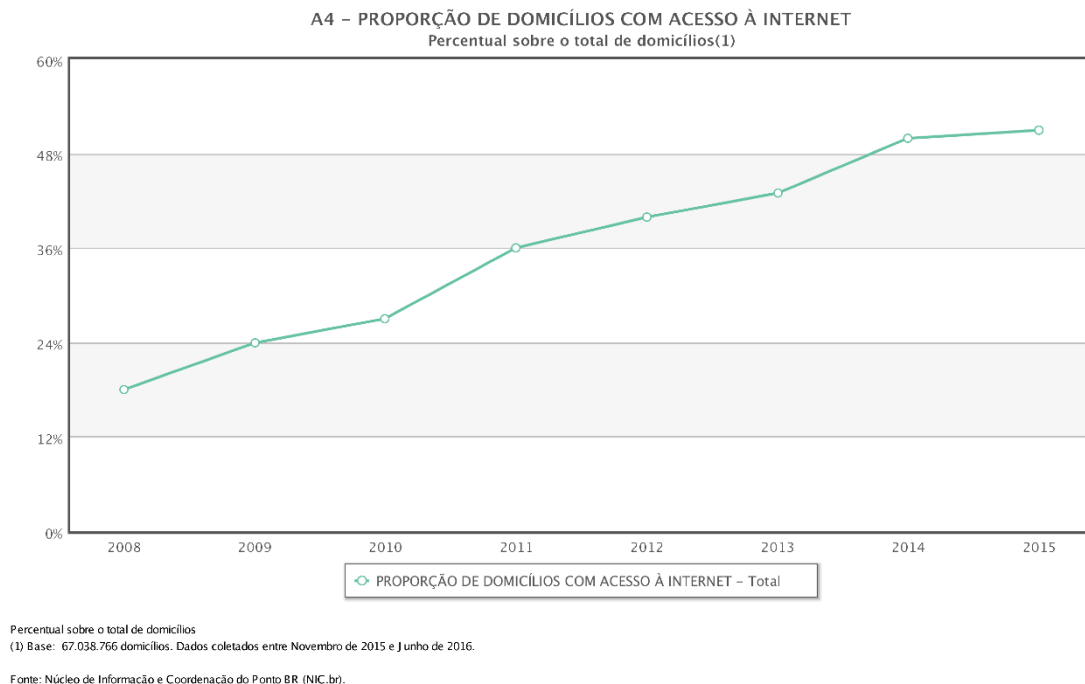
não tendo como referência as coletividades organizadas. Esta aposta está relacionada não somente com a lacuna ou com o uso residual que tem sido feito da análise das interações cotidianas, mas também com a identificação de processos empíricos que – segundo argumento – tendem a dinamizar os fluxos comunicativos da vida cotidiana, ampliando sua importância enquanto um vetor de essencial para o entendimento dos processos sociopolíticos contemporâneos.

O primeiro processo que se destaca é a tendência à sobreposição entre novas tecnologias da informação e comunicação e as interações cotidianas. Nesse sentido, com a disseminação da internet móvel, smartphones e as redes wireless, vai se tornando cada vez mais difícil discernir entre momentos estritamente conectados ou desconectados. Junto a isso, aplicativos de comunicação instantânea e redes sociais, ampliam as possibilidades de contato entre os indivíduos, colocando-os em contato com grupos e pessoas distantes quase o tempo todo.

Esse processo vem sendo estudado por uma crescente linha de pesquisas sobre internet e sociabilidade (RAINIE e WELLMAN, 2012; SANTOS e CYPRIANO, 2014; e MILLER et al. 2016 são alguns exemplos). Assim, parece haver *uma ampliação dos fluxos comunicativos entre “iguais”*, que em relação à influência política, indica para uma menor mediação formal de coletividades ou instituições políticas e sociais tradicionais. Isso não significa dizer que os conteúdos que giram nessa interação não sejam criados por grupos de intervenção social intencional, mas sim que a sua disseminação tem ocorrido de uma forma diferenciada, cada vez mais dispersa e indireta. Ou seja, o repasse informativo tem se tornado cada vez mais mediado pela interação entre “iguais” e não mais pelo consumo direto da informação ‘na fonte original’. Aqui se destacam as redes sociais e, mais especificamente o aplicativo Whatsapp (e seus semelhantes), em que se estabelecem interações individuais ou grupais em espaços de conversação privados, ou seja, diferentes da lógica expositiva de aplicativos como o Facebook e Twitter.

A despeito da grande desigualdade global de acesso às novas tecnologias de informação e comunicação esse processo parece acontecer em diferentes escalas em

países de diversas regiões do globo³. No Brasil alguns dados nos mostram o crescimento do acesso à internet:



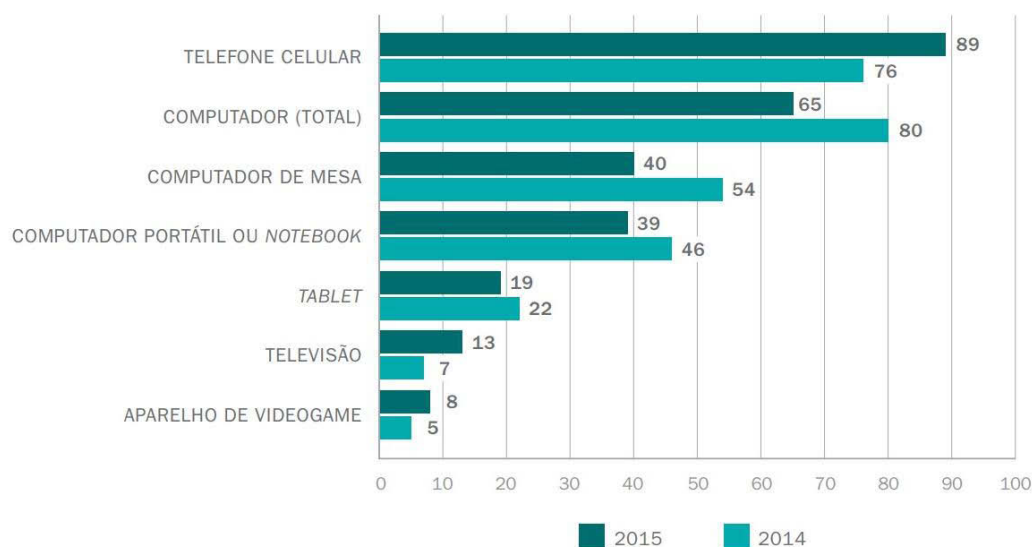
Segundo dados da pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil mostram que desde 2008 a proporção de domicílios com acesso à internet variou de 18% para 51%. Nos últimos anos, no entanto, temos observado uma significativa mudança em relação aos dispositivos de acesso, marcada pela maior presença dos telefones celulares para acesso à internet. Olhando somente para os anos de 2014 e 2015, é possível observar o crescimento do acesso à internet pelo telefone celular saltando de 76% para 89%, enquanto o acesso por computador (mesa ou móvel), decresce de 80% para 65%.

³ O Whatsapp é fundamental nessa disseminação, pois exige requisitos mínimos para seu funcionamento. Uma série de dados mostram sua penetração global, inclusive nas regiões mais pobres da África, que vêm ampliando o acesso à internet por meio da internet móvel e dos celulares, sobretudo.

Para uma visão comparativa, vale destacar o projeto “Why we post”, coordenado pelo antropólogo Daniel Miller da UCL, em que foram realizadas etnografias com ênfase na relação entre internet e sociedade em 11 regiões do mundo (China rural, China industrial, sudeste da Turquia, norte do Chile, Trinidad, sul da Inglaterra, nordeste do Brasil, sul da Índia e sul da Itália)

GRÁFICO 15

PROPORÇÃO DE USUÁRIOS DE INTERNET, POR DISPOSITIVO UTILIZADO PARA ACESSO INDIVIDUAL (2014 - 2015)
 Percentual sobre o total de usuários de Internet



Entre os indivíduos que utilizam o telefone celular para acesso à internet, segundo a mesma pesquisa⁴, 85% declararam utilizar o serviço diariamente. Esse dado se torna mais relevante para o argumento aqui desenvolvido quando vemos que em 2013 somente 55% declararam acessar diariamente a internet pelo celular. Ou seja, há um crescimento evidente do uso de internet no cotidiano dos indivíduos, tendo o celular como plataforma crescente para o acesso.

O gráfico abaixo nos apresenta as atividades mais citadas pelos entrevistados na internet de acordo com o dispositivo de acesso. Em primeiro lugar temos a troca de mensagens instantâneas a partir de aplicativos como Whatsapp, Skype e Facebook (85%), seguido por usos diversos de outras redes sociais como Facebook, Instagram e Snapchat (77%) e pelo compartilhamento de conteúdos textuais ou audiovisuais (66%).

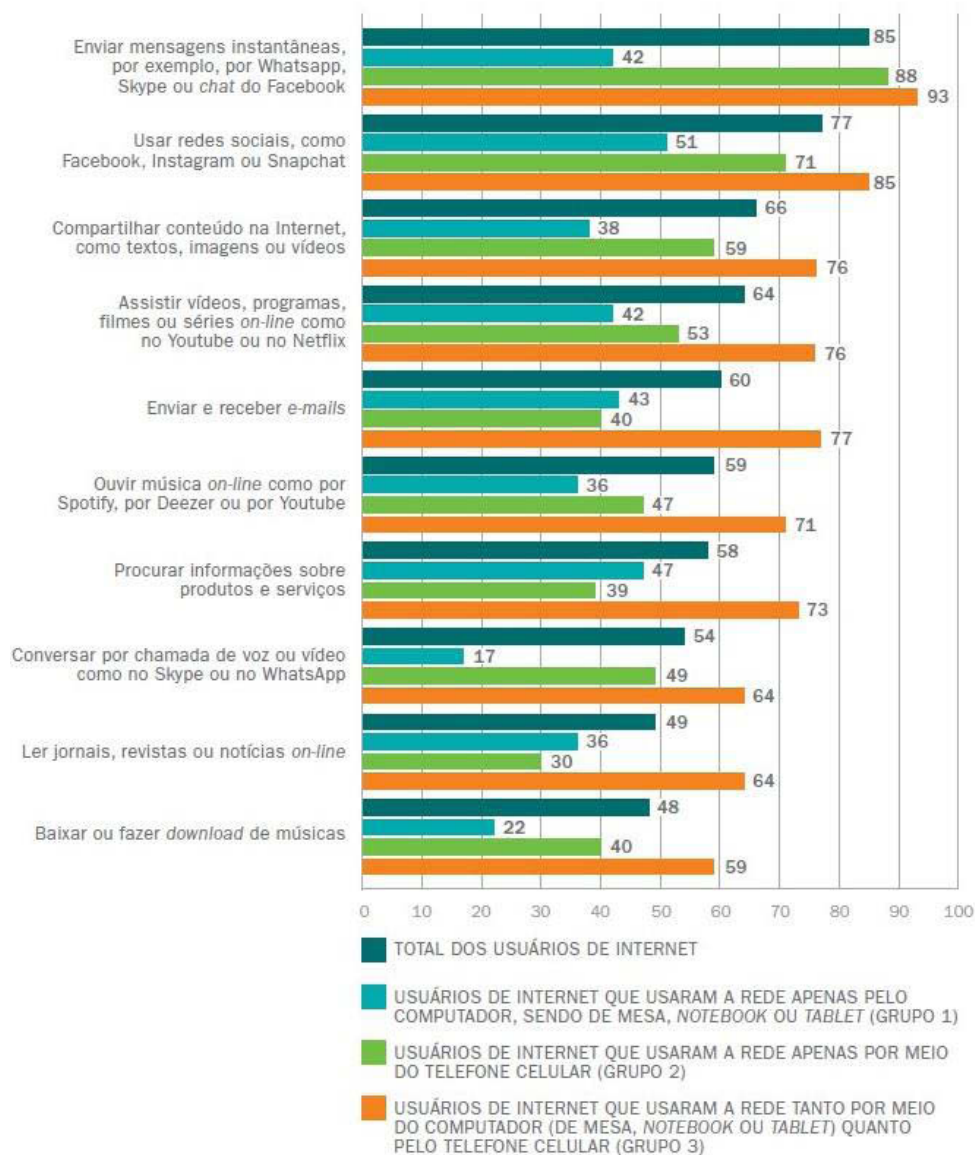
Fazendo o cruzamento com os diferentes dispositivos, os que utilizam exclusivamente o celular para o acesso à internet, só ficam atrás dos que utilizam exclusivamente o computador nas atividades de a) enviar e receber e-mails; b) procurar informações sobre produtos e serviços; e c) ler jornais, revistas ou notícias online. Ou seja, para todas as outras atividades, o celular aparece como principal meio de acesso.

⁴ COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2015. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR ed. São Paulo. 2016.

Outro dado interessante deste gráfico se refere ao grupo que utiliza tanto o computador quanto o celular para acesso à internet. Nota-se que nesse grupo estão as taxas mais altas de acesso em todas as atividades. O que nos permite sugerir que quanto mais opções de conexão estiverem disponíveis, mais as diferentes atividades serão realizadas pelos usuários.

Nesse sentido, é possível relacionarmos (a) a ampliação do acesso à internet, (b) o crescimento do celular como plataforma de acesso à internet e (c) o uso de redes sociais, bem como a ampliação das interações cotidianas e o compartilhamento de informações, vídeos e imagens entre as respectivas redes.

GRÁFICO 25
PROPORÇÃO DE USUÁRIOS DE INTERNET POR ATIVIDADES REALIZADAS MAIS CITADAS, SEGUNDO DISPOSITIVOS UTILIZADOS (2015)
 Percentual sobre o total de usuários de Internet



Uma segunda tendência vem aparecendo de maneira muito significativa no cenário brasileiro e também já conta com algumas indicações e pesquisas enquanto um movimento mais geral. Trata-se do crescimento da produção, divulgação e circulação de informações políticas fora dos formatos de notícias, mas como conteúdo textual e audiovisual humorístico, como teorias conspiratórias, rumores e textos opinativos apócrifos ou de autoria erroneamente atribuída. Ou seja, uma possível ampliação da circulação de temas políticos em formatos mais ‘informais’ e voltados não somente para a informação, mas também, para o entretenimento.

Esse tipo de conteúdo aparece em diversas denominações e abordagens, mas em geral se caracteriza por uma pluralização dos formatos de informação políticas, se diferenciando das trocas públicas de razões ou dos formatos “autorizados” (noticiário político, por exemplo) e evoca outras formas e motivações para a participação e engajamento político. Um dos trabalhos célebres sobre o impacto desses tipos de conteúdo é o trabalho de Robert Darnton (2001) sobre a influência dos jornais clandestinos, das caricaturas, fofocas e paródias populares na dissolução da imagem e legitimidade da monarquia francesa no período pré-revolucionário. Como o autor argumenta, o avanço dos intelectuais iluministas só era acessível a uma pequena parte da população, de modo que não é possível entender a disseminação e o alcance da revolta popular sem que mapeemos a maneira como a crítica chega e é refraseada no imaginário e cultura das camadas populares.

No final da década de 1970, nos EUA essa discussão também aparece, com a alcunha de “brincadeira política” (*political play*) e se referindo à manipulação e improvisação de opiniões e representações do mundo, buscando certo alívio psicológico para a compreensão e reflexão de um momento de crise (BENNETT, 1979). Assim, entende-se brincadeira política como “O resultado da transformação simbólica do social ou de objetos físicos com o objetivo explícito de produzir novidade, entretenimento ou inovação” (BENNETT, 1979, tradução nossa). Ou seja, Bennett identifica um comportamento comum em momentos de crise que se permite fugir dos parâmetros estabelecidos nos momentos de estabilidade e controle, ampliando os horizontes para a criatividade social.

Contemporaneamente, tem-se notado a presença cada vez maior desse tipo de ‘brincadeira política’ associados às redes sociais e novas tecnologias de informação e comunicação (CHAGAS et al, 2017 e SANTOS e CHAGAS, 2017). Com alta circulação

em redes sociais, esses formatos de transmissão de conteúdos políticos vêm ganhando espaço e repercussão na imprensa e no debate público institucionalizado. Apesar de muitas vezes serem vistos como conteúdos que tiram o foco e a importância de questões políticas candentes, também podem ser pensados como meios informativos capazes de penetrar em camadas da comunicação cotidiana que o noticiário “sério” sobre os problemas políticos não chega.

Uma das principais características desses conteúdos é seu explícito posicionamento, que difere, sobretudo, da abordagem que a imprensa tradicional costumeiramente busca realizar. Assim, informações sobre uma decisão do presidente da república normalmente já chegam envolvidas em um contexto de crítica, ridicularização, ironia, apoio ou exaltação. Em muitos casos, mobilizam não somente conteúdo central da informação, mas também vêm acompanhados de comentários e citações de fontes desconhecidas que, de algum modo, podem induzir interpretações sobre o conteúdo específico informado.

Penso em analisar esse tipo de circulação, não pela análise do conteúdo em si, mas para mostrar como temas políticos estão amplamente disseminados nessas interações, circulando cotidianamente não somente com o objetivo de informar, mas também de entreter. O foco da minha análise é sobre como esses conteúdos políticos povoam as interações entre os indivíduos “comuns”, ainda que, evidentemente, a forma com que eles são absorvidos pelos indivíduos e o seu conteúdo específico também influenciem os sentidos mais gerais desse processo.

Nesse sentido, teríamos dois processos que se conjugam em um espaço que não vem sendo devidamente observado pela sociologia enquanto um espaço de transformação política: a comunicação cotidiana de indivíduos ‘comuns’. Por um lado, uma dinamização dos fluxos comunicativos a partir das plataformas digitais e de múltiplas redes sociais, por outro, a circulação cada vez mais constante de conteúdos políticos refraseados em diferentes formatos, como memes, boatos, teorias da conspiração, piadas, paródias, vídeos e textos opinativos.

Este trabalho, portanto, é uma pequena parte de uma investigação mais ampla sobre os efeitos políticos gerados por esses processos. O enfoque sobre os rumores é estratégico, pois permite um maior isolamento da rede de circulação da informação, já que os conteúdos aqui analisados não foram divulgados por veículos da mídia tradicional, partidos ou instituições de referência. Assim, creio que será possível iluminar não

somente as novas coletividades e empreendimentos de informação alternativa no meio virtual, mas também um pouco da dinâmica das trocas e fluxos interativos dos indivíduos ‘comuns’.

Rumores e política

Um estudo sobre rumores é, sobretudo, um estudo sobre comunicação cotidiana. Isso se deve ao fato de que ainda que os rumores tenham uma origem intencional e articulada, a forma básica de difusão de um rumor é a interação boca a boca entre indivíduos comuns. Ou seja, os rumores se espalham em uma dinâmica diferente da veiculação midiática de notícias e se baseiam em hierarquias de credibilidade e discurso também muito distintas.

A literatura sobre rumores é marcada pela diversidade de termos que se referem ao fenômeno ou a semelhantes dele. Nesse sentido, na língua inglesa, a nomenclatura mais recorrente é *rumour*, ainda que também apareçam os termos *hearsay*, *whisper*, *dud* ou terminações mais recentes como *hoax*. Em português a variedade também é grande: *boato*, *rumor*, *cochicho* ou semelhantes, ainda que de natureza diferente, como a *fofoca*.

Knapp, em uma definição enxuta, define o fenômeno como uma “declaração ligada a acontecimentos atuais e divulgada sem verificação oficial” (1944, p.22). Outros autores, como Allport e Postman (1947) e Shibutani (1966) indicam, que os rumores são tentativas de entendimento de situações ambíguas e sem resposta explícita. Serviriam, assim, como um modo coletivo de resolução de problemas (MENEZES, 2014).

Essas definições nos indicam algo importante e que delimita o presente trabalho: boatos e rumores não se definem como necessariamente ruins ou falsos, eles podem servir como uma forma de orientação coletiva e podem ser definidos somente pela falta de verificação e não pela sua veracidade ou não.

Utilizarei aqui o trabalho de DiFonzo e Bordia que define rumores como “informações não verificadas, instrumentalmente relevantes e em circulação que emergem em contextos de ambiguidade e que funcionam primeiramente para ajudar as pessoas a se orientarem (*make sense*) e administrarem ameaças” (2007). Rumores costumam aparecer como objetos de pesquisa em momentos de crise ou de grande incerteza, como quando ocorre um desastre natural, mudança política, ondas violência

etc. Nesse sentido, essas abordagens marcam de maneira muito forte a falta de informação e o exercício de se especular com o objetivo de diminuir a ansiedade de uma situação de indefinição.

Assim, notícias falsas não necessariamente se enquadrariam enquanto rumores, pois lhes faltariam o elemento contextual de circulação. Elas podem surgir de situações altamente estáveis com o objetivo de, em vez de tentar organizar uma situação indefinida, desestabilizar um contexto sólido.

No caso que buscamos analisar, o segundo mandato de Dilma Rousseff, período em que se mobilizou a base de insatisfação social que fundamentou o impeachment, temos um quadro que creio ser possível aproximar esses dois elementos – rumores e notícias falsas. Isso ocorre pois desde o início do mandato da presidenta já haviam vozes (o candidato perdedor Aécio Neves por exemplo) que prenunciavam a instabilidade do futuro governo, não reconhecendo a vitória da chapa como legítima. O segundo governo Dilma, portanto, é inaugurado sob o signo da incerteza, alimentado por denúncias do segundo lugar da disputa eleitoral sobre o uso de recursos ilícitos na campanha, pelo resultado apertado no segundo turno das eleições, pela crise econômica que começava a dar sinais de sua força e pelo crescimento dos movimentos anti-petistas, que ganharam força desde junho de 2013 e nesse momento se organizavam com o objetivo de derrubar o partido no poder.

Assim, temos um cenário em que a crise e a incerteza se tornaram a tônica da crônica política brasileira, de modo que as notícias falsas passaram a se enquadrar na definição de rumores pelo caráter não verificado, pela incerteza do contexto, pela relevância social e circulação das informações e por não somente trazerem sentido ao um cenário de incerteza, mas também por fazerem sentido em um processo de construção negativa da imagem da presidenta Dilma e do Partido dos Trabalhadores, bem como por auxiliarem como elementos de justificação para o contexto de crise.

O impeachment de Dilma Rousseff: produção e circulação de rumores

Contexto e introdução do problema

Em 31 de agosto de 2016 a presidente eleita do Brasil, Dilma Rousseff, foi definitivamente afastada do cargo pelo Senado Federal, concluindo o processo de

impeachment iniciado em dezembro de 2015, com a aceitação do parecer pelo presidente da Câmara, o deputado Eduardo Cunha. Antes, em 17 de abril de 2016, a aprovação do parecer pela Câmara já havia afastado a presidente pelo período de 180 dias, para que se organizassem os trâmites do julgamento no Senado e a defesa de Dilma.

Para além dos marcos temporais institucionais, o processo de impeachment de Dilma Rousseff faz parte de um processo mais amplo de trabalho na desconstrução da imagem da presidenta e de seu partido tanto pelo efetivo mau resultado na economia que apareceu desde o início do segundo mandato, quanto por campanhas mentirosas que incendiavam o debate público, construindo a imagem de uma figura imprevisível, interesseira e corrupta, totalmente incapacitada de continuar no comando do país.

Cientistas políticos institucionalistas brasileiros argumentam que a rejeição popular não possui nenhuma relação causal direta com o sucesso de um processo de impeachment. Um exemplo é a análise de Fernando Limongi (2017), em que o autor argumenta que o processo só pode ser entendido i) como uma tentativa de impedir o avanço da *operação Lava-Jato* contra o sistema político e ii) a partir da eleição do deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) para a presidência da Câmara dos Deputados; iii) e, sobretudo, após a delação do ex-senador Delcídio do Amaral (PT-MS), principal articulador político do governo à época e preso após ser gravado negociando a fuga de Nestor Cerveró, ex-diretor da Petrobras, investigado e possível delator no âmbito da operação Lava Jato.

Limongi argumenta que a operação Lava Jato vinha em um longo processo de investigação sobre corrupção na Petrobras, atingindo sobretudo o PP e o PMDB, em especial, na figura de Eduardo Cunha, presidente da Câmara entre fevereiro de 2015 e julho de 2016. Eduardo, hábil articulador legislativo e uma das principais lideranças do PMDB, negociava de maneira tensa com o governo de Dilma Rousseff, buscando proteção contra o avanço das investigações em troca de apoio político no legislativo (já em grande parte atingido pelas investigações e em tensão com o governo pela postura frouxa no tratamento do caso).

Em novembro de 2015, no entanto, o senador Delcídio do Amaral é preso por conta de uma gravação em que oferecia colaboração para a fuga de Nestor Cerveró, ex-diretor da Petrobras preso e provável delator próximo ao Partido dos Trabalhadores. Como aponta Limongi:

“A sucessão de eventos é impressionante. Delcídio e Esteves⁵ foram presos em 25 de novembro de 2015. Uma semana depois, em 2 de dezembro, o PT declarou que votaria contra o deputado na Comissão de Ética. No dia seguinte, Cunha retrucou e acatou o pedido de impeachment. (LIMONGI, 2017).

A abertura do processo inaugura o debate franco na disputa por influência e força política, em que o vice-presidente Michel Temer se posiciona em favor da deposição da presidenta eleita, oferecendo o amparo contra a investigação que Dilma Rousseff não quis/pode dar. Argumenta Limongi que entre esse cenário de perdas e ganhos, o governo sofre sua maior derrota quando o ex-presidente Lula é impedido de assumir como ministro da casa civil por conta da divulgação de gravações ilegais autorizadas pelo juiz Sérgio Moro, responsável pela operação Lava Jato em primeira instância. Nas palavras do autor:

“Dilma, sem a direção de seu mentor e padrinho, já havia dado provas mais do que suficientes de sua fragilidade. Um governo incapaz de nomear um ministro não seria capaz de proteger ninguém” (LIMONGI, 2017, p. 13).

Cria-se, portanto, o cenário final que consolida a movimentação parlamentar na direção do impedimento da presidenta.

A análise de Limongi, a despeito da riqueza e coerência, tem um foco muito restrito ao âmbito institucional e localiza o processo de impeachment em um horizonte temporal muito restrito. Se não é possível discordar do peso da arena institucional, a ênfase interna não é capaz de explicar o clima popular que se estabeleceu na votação do impeachment, performado como uma redenção nacional, mas capitaneado justamente pelo partido mais envolvido nas investigações da Lava Jato (PMDB) em abril de 2016, poucos meses após a aceitação do pedido.

Ou seja, como argumenta a cientista política Mara Telles (2016), o antipetismo é crucial para desequilibrar a balança das acusações, retirando o foco e a importância de outros partidos envolvidos ao mesmo tempo que devastando a imagem do PT. Nesse sentido, é preciso que se incorpore um horizonte mais amplo de análise, de modo que consigamos explicar como um legislativo de baixíssima confiança popular e envolvido de modo indelével nas investigações de corrupção operou uma ruptura política tão dramática sob os aplausos de grande parte da população brasileira. Assim, a despeito de realizarem interpretações bastante distintas, contribuições como a de Telles (2016), Santos e Szwako (2016), Domingues (2017) e são fundamentais por ampliarem o escopo

⁵ André Esteves, banqueiro, acusado de oferecer a doação financeira para a operação de fuga.

de análise do período de crise trazendo elementos não explicáveis a partir de uma visão puramente institucional.

Partindo dessa visão mais ampliada, podemos pensar a gestação do clima político para o impeachment tendo início em diferentes temporalidades e espacialidades. De visões que colocam o início do longo processo nas manifestações de junho de 2013, até as que só entendem que o processo efetivamente se materializou em dezembro de 2015. De visões que privilegiam o ambiente institucional a abordagens que inserem o contexto internacional, a crise econômica, o apoio da população, o papel da mídia, movimentos e redes sociais.

Na semana da votação do impeachment, um levantamento realizado pelo *Monitor político do debate no meio digital*, vinculado a um grupo de pesquisa *GPOPAI* da Universidade de São Paulo, iluminou de modo significativo a importância dessas camadas comunicativas informais: três das cinco notícias mais compartilhadas naquela semana eram falsas⁶. O dado trouxe ao debate público uma preocupação em relação aos conteúdos que orientavam as informações e opiniões dos cidadãos brasileiros em um processo tão importante para a democracia do país. Ou seja, a disputa comunicativa e a dinâmica de disseminação de rumores e notícias falsas são elementos ainda nebulosos para atores políticos e cientistas sociais, mas parecem ter um peso importante na conformação do jogo político, sobretudo em momentos de crise.

Não me parece errado dizer que essa dinâmica entra forte como um elemento de conformação da opinião pública. O quanto ela realmente interfere nos resultados e o seu real alcance na população – desigualmente distribuído – são as grandes questões que devem ser respondidas. Nesse artigo, não terei o objetivo de fazer essa medição, mas de identificar a formação dessa rede (atores, técnicas, abordagens), dar uma amostra de seu alcance, introduzir uma breve análise sobre as formas e conteúdos que são circulados, sobre o comportamento dos indivíduos nos compartilhamentos e indicar alguns impasses que envolvem esse tipo de abordagem.

⁶ http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160417_noticias_falsas_redes_brasil_fd. Acesso em 20/7/2017 às 11:30.

Análise dos rumores e notícias falsas

Para esta seção, foi feito um recorte temporal entre janeiro de 2015 – primeiro dia do segundo governo de Dilma Rousseff – e agosto de 2016 – mês de sua deposição. Nesse período, foram agrupados os principais rumores e notícias falsas que circularam na internet e nas redes sociais relacionados à presidenta Dilma Rousseff. Evidentemente que a ênfase na figura da presidenta traz uma perda, pois não é possível pensar no processo de impeachment sem que se incorpore rumores e notícias falsas relacionadas ao seu partido (o PT), ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e também à ideologia política de esquerda como um todo. Ainda assim, o olhar restrito à figura da presidenta já nos permite identificar traços importantes sobre o sistema de produção e circulação de rumores, bem como o tipo e formato de conteúdo que é mobilizado nesse tipo de comunicação.

A rede de produção, combate e circulação de rumores é vasta e bastante dispersa. A quantidade de conteúdos em circulação é enorme, sendo muito difícil a contemplação de todos os rumores. Essa ‘lacuna’, no entanto, não se constitui em um impeditivo para esse estudo, pois o ‘sucesso’ de um rumor está diretamente ligado à sua maior disseminação possível. Nesse sentido, rumores ou notícias falsas que não atingem um número significativo de pessoas, não produzem efeitos sociais.

Assim, o conjunto de rumores e notícias falsas utilizado nesse trabalho foi coletado a partir da pesquisa no arquivo de um site que se propõe desmentir informações falsas, o *Boatos.org*. Esse, como veremos adiante não é o único site de verificação de rumores na internet brasileira, no entanto, é o que possui o arquivo mais completo e cobre o maior número de rumores e notícias falsas sobre a ex-presidenta Dilma Rousseff.

A busca no arquivo do site no período selecionado trouxe um conjunto de 36 rumores e notícias falsas. Desses, dez foram descartados do agrupamento da pesquisa por não terem sido encontradas referências minimamente significativas sobre sua circulação e um por ter se iniciado em veículos de mídia tradicional. Há que se lembrar que esse pesquisa está sendo feita em 2017 e esses conteúdos circularam entre 2015 e o primeiro semestre de 2016, de modo que podem ter sido apagados junto com as páginas que os

promoveram – como no caso da página Revoltados Online⁷. Ou seja, dos 36 iniciais, restaram 25 rumores e notícias falsas como conjunto principal de análise.

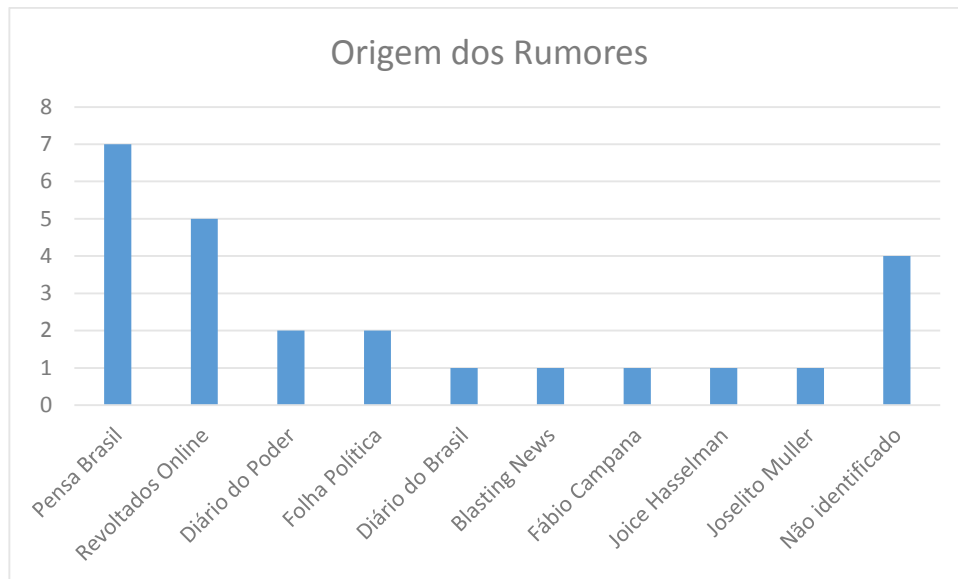
Os dados foram coletados a partir de duas abordagens principais, inicialmente pela busca das palavras chave dos rumores no buscador do Facebook, no período correspondente à verificação do site Boatos.org. Em segundo lugar, foi realizado o mesmo procedimento no Google, em que foi possível encontrar os links que originaram diversos dos rumores analisados, possibilitando que o mapeamento do número de compartilhamentos do link em postagens de Facebook, por meio da ferramenta *Graphs*⁸. Com essa ferramenta foi possível verificar quantas vezes um link de uma notícia falsa ou de um rumor foi compartilhado no Facebook, indicando uma das faces de seu alcance.

A partir desses dados será possível extrair uma amostra do sistema de produção (atores e alcance) e de circulação (atores e dinâmicas). Começamos pelo primeiro.

A rede de rumores e notícias falsas na internet brasileira é composta por um circuito complexo que envolve diversos sites e páginas em diferentes redes sociais e de alcance diverso. Sites como o *Pensa Brasil*, *Diário do Brasil*, *Folha Política*, *Implicante* e *Joselito Muller* são alguns dos principais e mais conhecidos difusores de conteúdo duvidoso. Em geral, não se dedicam exclusivamente à propagação de rumores e falsas notícias, também noticiando e replicando informações reais e verificadas. Nos 26 rumores de nossa amostra, podemos perceber um pouco dessa distribuição na produção de conteúdos não verificados.

⁷ O Revoltados Online foi uma das mais influentes páginas contra o governo PT entre 2013 e 2016, chegando a ter dois milhões de seguidores, quando foi excluída do Facebook por apologia ao ódio. Mais informações sobre o caso nessa reportagem: <http://piaui.folha.uol.com.br/o-ostracismo-do-maior-revoltado-online/>. Acesso em 20/07/2017 às 20h.

⁸Para fazer essa consulta, basta colar o link que deseja explorar após o “F” no link a seguir: <https://graph.facebook.com/?ids=http%3A%2F%2F>



Nesse gráfico, temos uma amostra não somente dos principais sites que originam os rumores e falsas notícias, mas também uma noção da dispersão de suas origens tanto pelo número de sites que originaram somente um rumor, quanto pelos quatro rumores em que não foi possível se encontrar a autoria. Além do site *Pensa Brasil*, um destaque desse quadro é a página de Facebook, já citada, *Revoltados Online*. Como visto, a página foi uma das principais frentes de oposição virtual ao governo Dilma Rousseff e ao Partido dos Trabalhadores entre 2013 e 2016, quando foi apagada pelo Facebook. Nesse sentido, não foi possível o acesso à postagem original dos rumores, mas somente as principais replicações por usuários ou outras páginas.

Do mesmo modo que se estabeleceu um circuito de sites criadores de rumores e notícias falsas, também foi se organizando uma rede de verificação e combate à propagação de notícias falsas. Nela se incluem as já citadas iniciativas de sites independentes exclusivamente dedicados à verificação de rumores como *Boatos.org*, *E-farsas*, *Verdade Absoluta*; páginas de verificação ligadas à mídia tradicional e governo, como no *Jornal Extra*, do Rio de Janeiro e o portal *Fatos e Boatos* lançado pelo governo federal em 2015 e descontinuado após o impeachment; e finalmente sites de Fact Check, que não se dedicam exclusivamente à verificação de rumores, mas também de discursos públicos em geral e que de algum modo contribuem no esforço de trazer mais credibilidade às informações que circulam no meio digital. Nessa categoria se destacam o independente *Aos Fatos*, a *Agência Lupa*, ligada ao jornal Folha de São Paulo e o *Truco*, ligado ao site Agência Publica.

Nesse sentido, é possível dizer que há um campo de disputa entre a propagação de rumores e notícias falsas e a verificação e correção dessas informações formado por sites e blogs independentes contra iniciativas cada vez mais associadas aos veículos tradicionais de mídia. Como veremos, em relação ao alcance, os rumores ainda têm maior disseminação do que as verificações.

Na tabela a seguir analisaremos nossa amostra de rumores e notícias falsas em relação ao compartilhamento das informações em três níveis. Para os rumores em que foi possível acessar o link de origem, teremos o compartilhamento total desse endereço em postagens do Facebook. Entre o conjunto de rumores de nossa amostra, no entanto, constam alguns em que não foi possível encontrar o link original, mas que tiveram alto compartilhamento em páginas e perfis de Facebook, esse número estará representado pela coluna “Compartilhamento variado”.

Há, ainda, alguns rumores em que foi encontrado o link, mas que contaram também com um alto número de compartilhamentos no Facebook sem que se copiasse o link, ou seja, um alto compartilhamento que não está contido no número representado pela primeira coluna. Esses casos são representados nos rumores que tiveram contabilizações tanto na primeira quando na segunda coluna. Por fim, foi contabilizado, também pelo *Graphs*, o total do compartilhamento dos links do site Boatos.org desmentidos as informações falsas disseminadas.

Título	Link original	Compartilhamento variado	Total de compartilhamentos	Check do Boatos.org
Dilma compra mansão de 5 milhões em Porto Alegre	43.618		43.618	2084
Dilma contrata palhaço por R\$333 mil para criticar oposição	3.182		3.182	48
Sérgio Moro é capa da revista Time e Dilma se irrita	128.572		128.572	471
Dilma isenta Samarco por tragédia em Mariana	72.916		72.916	2974
Morte de Roger Agnelli, da Vale, foi queima de arquivo de Dilma	169.246		169.246	369
Dilma manda soltar 34 mil presas no dia das mães	18.501		18.501	245
Dilma só condenou ataques após pedido da França	16.218		16.218	60
Dilma diz que desvio da Petrobras foi pelo bem do povo	127.548		127.548	206
Dilma tem conta na Suíça de R\$ 700 milhões	41.857		41.857	5025
Carta renúncia de Dilma está pronta	114.761		114.761	181
Dilma é expulsa de pizzaria em São Paulo	3.924	20.723	24.647	211
Dilma assina decreto que deixa Polícia Federal submissa ao governo	15.288	9.722	25.010	1466
Evo Morales declara guerra ao Brasil caso Dilma saia do poder	41.505	46.760	88.265	476
Dilma fez doação de R\$ 176 bilhões para Cuba	14.783	10.432	25.215	444
Dilma comprou fazendo em Primavera do Leste (MT)	15.956	10.381	26.337	8722
Ministra da cultura libera R\$ 40 milhões para filme sobre Dilma		10.100	10.100	175
Dilma vai confiscar a poupança em 18 de março		5.877	5.877	36
Fifa financiou reeleição de Dilma		40.421	40.421	246
Dilma diz que Lua é muito mais importante que o Sol		48.124	48.124	655
Dilma diz que o Brasil não depende de caminhão		22.521	22.521	547
Dilma aprova o novo chip no Brasil		25.219	25.219	68
Abin e Dilma monitoram Sérgio Moro criminosamente		54.841	54.841	331
Pracinha da FEB se recusa a receber medalha de Dilma		71.007	71.007	650
Foto falsa mostra Dilma, Pablo Escobar e Cristina Kirchner		4.315	4.315	905
Dilma provoca brasileiros com luz vermelha no Planalto		81.212	81.212	497
Total	827.875	461.655	1.289.530	27092
Média	55.192	18.291	51.581	1083,68

Em relação ao alcance, temos quase 1 milhão e 300 mil compartilhamentos de notícias falsas e rumores entre os 25 da amostra, o que dá uma média de 51581 compartilhamentos por rumor. Para efeito de comparação, selecionei os cinco links mais compartilhados por veículos tradicionais de mídia no período entre 14 de abril e 21 de maio de 2016:

Data	Título	Compartilhamentos
14/04/2016	Lula diz que não sairá das ruas se Dilma for derrotada em impeachment (Folha)	47562
18/04/2016	Nas redes sociais, 351 deputados se dizem pró-impeachment (UOL)	13476
09/05/2016	Gilmar Mendes chama tentativa de anular impeachment de Dilma de Operação Tabajara (InfoMoney)	17850
13/05/2016	Ministro Gilmar Mendes autoriza inquérito para investigar Aécio Neves (G1/ Política)	92294
21/05/2016	Temer decide recriar Ministério da Cultura; ministro assume na terça (G1/ Política)	69588
Total		240770
Média		48154

Por essa pequena amostra já é possível notar que o número compartilhamentos de rumores e notícias falsas está muito próximo à média de compartilhamentos de notícias e links de portais de mídia tradicional. Evidentemente, os veículos de mídia tradicionais tendem a postar muitos outros conteúdos, o que amplia o acesso e a possível exposição a uma determinada notícia, além de em sua maioria, possuírem espaços na televisão e mídia impressa, de modo que não é possível dizer que a veiculação de rumores e notícias falsas por veículos alternativos tem o mesmo impacto do conteúdo gerado por grandes jornais e emissoras. No entanto, restringindo ao âmbito virtual, temos um cenário em que essas forças disputam a difusão em condições equiparadas.

Assim, é possível se perceber não somente a existência de uma rede que movimenta a produção e circulação de rumor e notícias falsas, mas também enxergar

uma proxy do seu alcance por meio dos compartilhamentos dos links ou dos rumores em outros formatos.

Outro aspecto relevante para a compreensão dessa camada de comunicação política é a verificação do alcance dos links com as verificações e desmentidos dos rumores e falsas notícias. Como já dito anteriormente, a despeito de existirem diversos sites de verificação de rumores, o site Boatos.org é o que possui o mais variado acervo sobre política. Nesse sentido, boa parte dos rumores e notícias falsas coletados na amostra foram somente verificados por ele, de modo que seria inócuo levantar outros sites para contemplar apenas um ou dois rumores. Assim, foi levantado pelo *Graphs*, o número de compartilhamentos dos links com os rumores verificados. O resultado mostra a enorme discrepância entre o alcance dos rumores e de sua verificação, pois enquanto a média de compartilhamentos de rumores é de 51581, a média da verificação é de somente 1083 compartilhamentos.

Nesse sentido, em relação ao alcance, creio ter sido possível demonstrar que a rede de propagação de rumores possui impacto real entre os compartilhamentos no Facebook, atingindo e, principalmente, engajando um público significativo, sobretudo quando colocado em comparação com o número de compartilhamentos de notícias veiculadas por sites e portais de mídia tradicional. Além disso, até agora foi possível observar como a propagação de rumores e notícias é amplamente superior ao seu contraponto, o conteúdo gerado por sites de verificação.

Até agora verificamos a esfera da produção e o alcance do conteúdo gerado. Há, no entanto, especificidades específicas em relação ao campo da circulação de rumores e notícias falsa que aparecem em alguns dos casos de nossa amostra. O principal é a possibilidade de viralização de conteúdos por uma grande pluralidade de páginas e perfis. Como vimos, é possível identificar algum padrão na criação e até mesmo na disseminação dos rumores, no entanto, não se pode deixar de lado o potencial de propagação dispersa em páginas de diferentes pesos e tamanhos, bem como em perfis pessoais sem grande peso a princípio.

Título	Compartilhamentos no Facebook	Divulgador 1	Divulgador 2	Divulgador 3	Divulgador 4
Fifa financiou reeleição de Dilma	40.421	Que absurdo, estou revoltado			
Dilma fez doação de R\$ 176 bilhões para Cuba	10.432	Airton Bueno (Pessoal)			
Dilma comprou fazendo em Primavera do Leste (MT)	10.381	Cacoal News			
Ministra da cultura libera R\$ 40 milhões para filme sobre Dilma	10.100	MBM - Movimento Brasil Melhor			
Dilma diz que Lua é muito mais importante que o Sol	48.124	Brasil sem Máscara	Fernando Camboim Filho (Pessoal)		
Dilma diz que o Brasil não depende de caminhão	22.521	Clécio Nascimento			
Dilma vai confiscar a poupança em 18 de março	5.877	MCC - Movimento contra corrupção	André Alves (Pessoal)		
Dilma assina decreto que deixa Polícia Federal submissa ao governo	9.722	Beto Brasil	O Brasil vai melhorar		
Dilma aprova o novo chip no Brasil	25.219	Davi Fernandes (Pessoal)	Thiago Vinicius (Pessoal)	Ricardo Miranda (Pessoal)	Jaqueline Silva (Pessoal)
Abin e Dilma monitoram Sérgio Moro criminosamente	54.841	Guerras e notícias			
Dilma é expulsa de pizzeria em São Paulo	20.723	Não identificado			
Pracinha da FEB se recusa a receber medalha de Dilma	71.007	Que absurdo, estou revoltado	Jorge Santana (Pessoal)		
Foto falsa mostra Dilma, Pablo Escobar e Cristina Kirchner	4.315	Presidente Tiririca 2018			
Dilma provoca brasileiros com luz vermelha no Planalto	81.212	Partido Anti-PT			
Evo Morales declara guerra ao Brasil caso Dilma saia do poder	46.760	Movimento Democracia Participativa	Jair Bolsonaro Presidente 2018		

Dos 25 rumores da amostra, em 15 deles foi possível encontrar divulgação do conteúdo em páginas diferentes das criadoras da informação. Desse conjunto, aparecem 20 divulgadores diferentes. Entre eles, encontram-se páginas de grande porte como *MCC* – *Movimento contra corrupção* e *Partido Anti-PT*, que contam com 3.410.305 e

1.620.818 curtidas, respectivamente, até páginas pequenas, como *Que absurdo, estou revoltado* e *Guerras e notícias*, com 22.447 e 14.358 curtidas, respectivamente. O tamanho da página, no entanto, não é diretamente relacionado com a propagação do rumor. Utilizando os casos acima como exemplo temos que os mais de 3 milhões de curtidas da página MCC – Movimento contra corrupção geraram somente 5.877 compartilhamentos, enquanto o uma das notícias divulgadas pela página *Que absurdo, estou revoltado*, com 22.447 curtidas gerou 71 mil compartilhamentos.

Além disso, chama atenção também a atuação de perfis pessoais como potenciais divulgadores de rumores e notícias falsas. Entre os 20 divulgadores que aparecem nessa seção, nove são perfis pessoais que, em sua maioria, não contam com uma ampla rede de seguidores a priori, mas que postaram conteúdos que se disseminaram para além dos seus círculos.

Perfis pessoais	Seguidores	Compartilhamentos
Clécio Nascimento	112	22.521
Fernando Camboim Filho	2637	17.230
André Alves	1283	977
Beto Brasil	6149	9311
Davi Fernandes	749	31.980
Thiago Vinícius	Zero	13330
Ricardo Miranda	220	5192
Jaqueline Silva	404	1717
Jorge Santana	752	27.423
Total		129.681

Esse é um fenômeno que é importante de ser pensado, pois ao mesmo tempo que é bastante difícil analisar caso a caso, não é possível ignorar o potencial alcance que cada pequeno compartilhamento pode gerar. O ponto aqui não é afirmar que postagens individuais sempre atingirão um alcance significativo, mas indicar que na dinâmica de circulação de rumores e notícias falsas, o indivíduo ‘comum’ tem um papel de destaque podendo ser o centro irradiador de informações a ainda que não haja divulgação por grandes portais, páginas ou personalidades de referência.

Ou seja, para além dos sites especializados em criar e difundir rumores e notícias falsas, a interação e o compartilhamento por indivíduos ‘comuns’ é o motor de sua propagação. Se o movimento que sugerimos na primeira parte do texto se confirma, a ampliação de fluxos comunicativos entre indivíduos comuns na esteira do boom

comunicativo gerado pelas redes sociais e pela internet móvel cria um ambiente muito favorável para a crescente disseminação desses conteúdos em uma camada de comunicação política que não pode ser apreendida somente pela análise de coletividades organizadas. A mediação e a circulação de informações entre e por indivíduos ‘comuns’ não é, obviamente, uma novidade, mas pode estar gerando efeitos políticos mais amplos e dispersos nesse processo contemporâneo de dinamização e aceleração.

Nesse sentido, acredito ser necessário adentrar cada vez mais no estudo sobre os efeitos políticos das interações cotidianas enfocando não como sua aceleração reconfigura as coletividades organizadas, mas como esse processo afeta a própria subjetividade, postura e auto percepção desses próprios indivíduos, o que em uma escala ampliada pode gerar efeitos políticos mais dispersos, mas possivelmente mais potentes do que as ofensivas políticas intencionais de instituições e coletividades organizadas.

Considerações finais

Esse trabalho teve o objetivo de identificar e caracterizar a rede de rumores e notícias falsas que se estabeleceu no período do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Nesse sentido, não se propôs a mensurar o peso dessa rede para o ocaso de seu governo, mas correlacionar a ampliação do acesso à novas tecnologias de informação e comunicação, redes sociais e o estabelecimento de uma rede de rumores em torno de uma temática comum em um momento de crise.

Como apresentado, a rede circulação de rumores e notícias falsas é uma realidade na internet e na política brasileira, tendo ocupado um espaço significativo no período de crise definido nesse trabalho. Uma característica importante é que esse estudo somente contabilizou a quantidade de interações e compartilhamentos das informações, ou seja, não contemplou quantas pessoas foram de fato expostas a esses conteúdos, o que ampliaria ainda mais o alcance dos rumores. Temos, portanto, um conjunto de dados que reflete não somente a exposição, mas a interação dos indivíduos, o que constitui uma etapa mais intensa na relação entre a informação e o receptor.

Ainda na questão da exposição, vale ressaltar mais um desafio de pesquisas desse tipo: a lacuna sobre a circulação de rumores em grupos e conversas privadas no aplicativo *Whatsapp*. Diversas verificações do site Boatos.org se referiam à intensa circulação dos rumores pelo *Whatsapp*, ou seja, o *Facebook* – local de nosso estudo – é somente uma

das plataformas virtuais em que os rumores são disseminados. Inclusive, por conta do caráter aberto e público da maioria das postagens, pode-se interpretar o *Facebook* como um espaço com mais constrangimentos para a difusão de informações não verificadas, enquanto o *Whatsapp*, por estabelecer contatos entre pessoas mais próximas e em ambiente privado, possivelmente possui uma atividade mais intensa nesse sentido. Tudo isso, no entanto, pode ser somente presumido, já que não é possível se coletar esses dados no aplicativo.

Cabe ressaltar, também, a necessidade de maiores investigações sobre a esfera da apropriação desses rumores e notícias falsas, possibilitando, o entendimento de sua real dimensão na constituição da opinião pública. O que não pode ser alcançado no estudo aqui realizado.

Por fim, é importante pensar nesse fenômeno como um processo, que pode variar e não vai ter os mesmo efeitos e força ao longo do tempo. A força da rede de rumores pode aumentar e se consolidar, mas nada impede que sejam desenvolvidas estratégias eficazes para a conter a disseminação de conteúdo não verificado no meio virtual. Do mesmo modo, os indivíduos podem criar filtros e estratégias de verificação pela própria experiência, fenômeno que pode, inclusive, ampliar a confiança em veículos da mídia tradicional.

Bibliografia

- ALLPORT, G. and POSTMAN, L. *The Psychology of Rumor*. New York: Holt, Rinehart and Winston. 1947.
- BENNETT, W. L. *When politics becomes play*. In: Political behavior, 1 (4), 1979
- BRINGEL, B; PLEYERS, G. *Junho de 2013 dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil*. Nueva Sociedad, v. 259, p. 4-17, 2015
- CHAGAS, V.; FREIRE, F.; RIOS, D.; MAGALHÃES, D. *A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014*. In Texto (UFRGS. Online), v. 38, p. 173-196, 2017.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2015*. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR ed. São Paulo. 2016.
- DARNTON, R. *Uma precoce sociedade da informação: As notícias e a mídia em Paris no século XVIII*. Varia Historia, Belo Horizonte, nº 25, Jul/01, p.9-51
- DIFONZO, N. e BORDIA, P. *How top PR professionals handle hearsay: Corporate rumors, their effects, and strategies to manage them*. Public Relations Review, 26(2), 173–190. 2000.
- DIFONZO, N. e BORDIA, P., *Rumor Psychology: Social and Organizational Approaches*. Washington, American Psychological Association. 2007.
- DOMINGUES, J.M. *Crise da república e possibilidades de futuros do Brasil*. Ciencia & Saude Coletiva, v. 22, p. 1747-1758, 2017.
- KNAPP, R. *A psychology of rumor*. Public Opinion Quaterly, v.8, n.1, p.22-37. 1944.
- MENEZES, P. V.. *Os rumores da pacificação: a chegada da UPP e as mudanças nos problemas públicos no Santa Marta e na Cidade de Deus*. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 6, p. 665-684, 2014.
- MILLER, D. et al. *How the world changed social media*. London: UCL Press. 2016.
- PIAIA, V. R. *Transformações na sociabilidade política dos cidadãos não interessados: uma contribuição a partir da sociologia política do Brasil redemocratizado*. 102 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2016.
- RAINIE, L.; WELLMAN, B. *Networked: The New Social Operating System*, Cambridge, MA: MIT Press, 358 pp. 2012.

SANTOS, F; CYPRIANO, C. *Redes sociais, redes de sociabilidade*. Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso), v. 29, p. 63-78. 2014.

SANTOS, F; SZWAKO, J. *Da ruptura à reconstrução democrática no Brasil*. Saúde debate, Rio de Janeiro , v. 40, n. spe, p. 114-121, dez. 2016

SANTOS, J.; CHAGAS, V. *A revolução será memetizada: engajamento e ação coletivos nos memes dos debates eleitorais em 2014*. E-COMPÓS (BRASÍLIA), v. 20, p. 1-22, 2017.

SHIBUTANI, T., *Improvised News: A Sociological Study of Rumor*. Indianapolis, The Bobbs-Merrill Co. 1966.

TELLES, H. *A crise política na ausência de política*. Em Debate (Belo Horizonte), v. 8, p. 17-26, 2016.